

Onde Investir – Junho de 2020

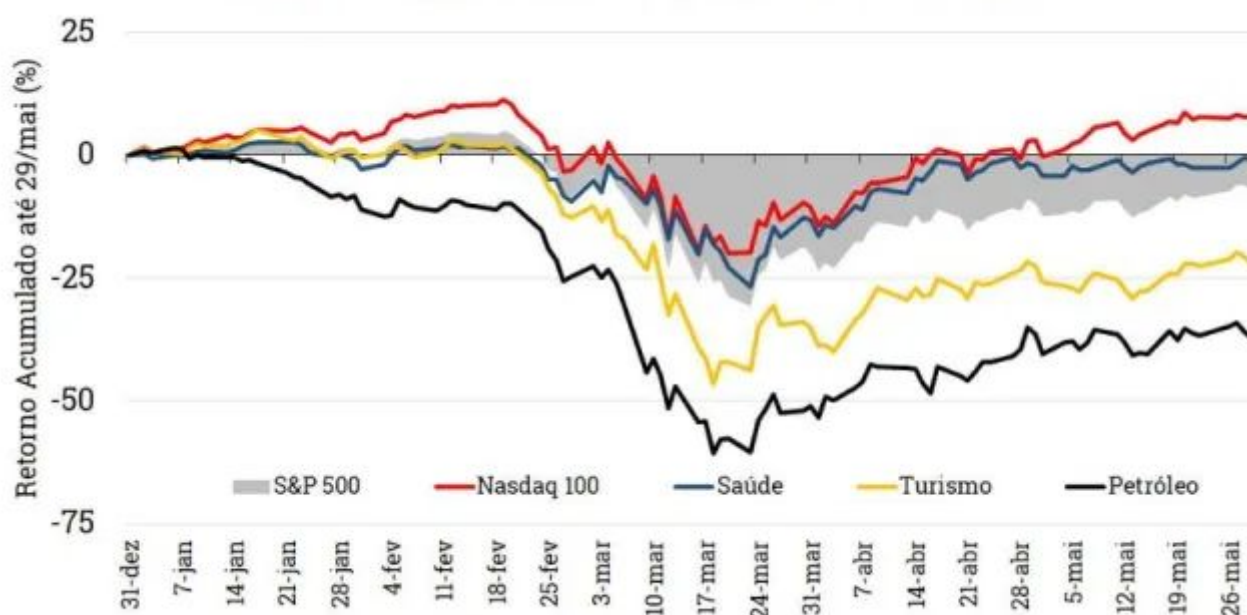
No mês de maio os mercados continuaram a se recuperar, com as bolsas fechando em alta ao redor do globo, assim como outros vários ativos de risco, de commodities a moedas de países emergentes. Abaixo da superfície, entretanto, percebemos a exacerbação de tendências novas: ações de Tecnologia, por exemplo, já estão positivas no ano, enquanto setores como Turismo e Petróleo estão bem negativos.

Mantivemos as carteiras dos perfis inalteradas, após 2 meses de aumento de risco, aguardando por mais clareza no cenário político, tanto no Brasil quanto no mundo.

Guia de Investimentos

No mês de maio os mercados continuaram a se recuperar, com as bolsas fechando em alta ao redor do globo, assim como outros vários ativos de risco, de commodities a moedas de países emergentes. Abaixo da superfície, entretanto, percebemos a exacerbação de tendências novas, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1: Retornos acumulados em 2020 na bolsa americana



Saúde: S&P 500 HEALTH CARE IDX; Turismo: S&P 500 HTL RST & LEI IX; Petróleo: S&P 500 ENERGY INDEX

Para os investidores a adaptação a essa nova realidade não foi fácil. Setores inteiros da economia foram devastados sem aviso pelas quarentenas e restrições à circulação de pessoas, sem contar a guerra de preços entre produtores de petróleo. Outros, em especial ligados a tecnologia e saúde, foram muito favorecidos.

Além disso, são crescentes as tensões entre Estados Unidos e China, girando em torno da lei visando restringir a liberdade política dos cidadãos de Hong Kong.

No caso dos brasileiros há muito mais em jogo: na bolsa local existem poucas empresas expostas a esse novo mundo, mais digital. Quando se soma isso às tensões políticas e questionamentos a

respeito das contas públicas do governo federal, faz cada vez mais sentido diversificar portfólios globalmente.

Fizemos um movimento grande para aumentar a exposição internacional de nossas carteiras no últimos 2 meses, e optamos por manter as carteiras dos perfis inalteradas nesta virada de maio para junho, aguardando por mais clareza no cenário político, tanto no Brasil quanto no mundo.

Investidor Conservador: como investir no cenário atual?

Para o investidor conservador o cenário permanece desafiador, com as taxas de juros de curto prazo em níveis cada vez menores.

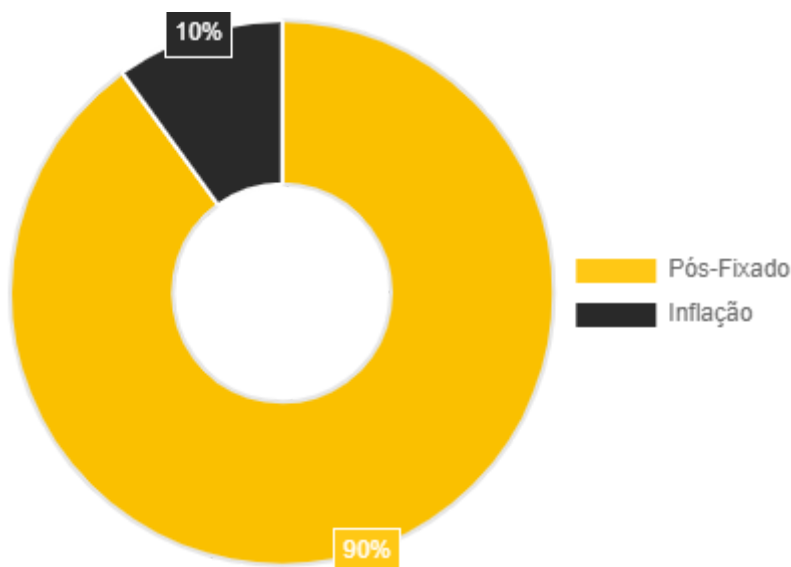
Os fundos de crédito, entretanto, passaram a se recuperar, e a grande maioria já apresentou retornos positivos e acima do CDI em maio. Ainda que essa volatilidade tenha vindo para ficar, os prêmios ainda são significativos, devem ajudar esses fundos e ativos a obterem retornos bem acima do CDI no próximos 12 a 18 meses.

Sugestão de carteira

Mantivemos a alocação inalterada nesse mês, com a carteira e o alívio dos mercados trazendo bons retornos.

Na parcela de **pós-fixados** os resultados se consolidaram no território positivo, com os prêmios de crédito finalmente recuando e se estabilizando.

Em **inflação** a queda das taxas de juros e dos prêmios de crédito trouxeram retornos muito positivos quando observamos os ativos *marcados a mercado*, mesmo com o Brasil registrando deflação no mês quando olhamos para o IPCA.



Investidor Moderado: como investir no cenário atual?

Para o perfil moderado mantivemos a alocação por classes, interrompendo momentaneamente o movimento de aumento de risco iniciado no final de março.

Continuamos assim com uma carteira que tem uma exposição relevante a ativos globais, tanto em renda fixa quanto em renda variável. No Brasil nossos ativos de risco favoritos continuam sendo a renda fixa inflação, em especial os ativos de crédito, e a renda variável.

Sugestão de carteira

Em torno de um 30% da carteira está atrelado às **taxas de juros de um dia**, sendo que 5% com possibilidade de resgate rápido, necessária para atender as necessidades de liquidez do próprio investidor e também nos possibilitando alterações rápidas na alocação. No restante buscamos maior rentabilidade através de papéis bancários e corporativos, isentos ou não.

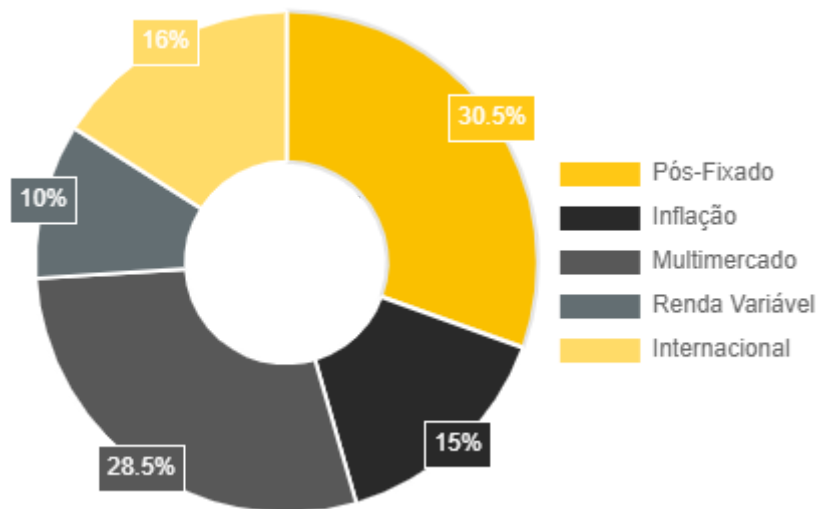
Utilizamos a parcela de **Inflação** para contratar ganhos acima do IPCA por prazos mais longos. Seguimos concentrados em créditos isentos de prazo de cerca de 5 anos em detrimento de fundos expostos à papéis do Tesouro Nacional, dado os altos prêmios nos créditos emitidos por grandes empresas. A queda das taxas de juros e dos prêmios de crédito trouxeram retornos muito positivos quando observamos os ativos marcados a mercado, mesmo com o Brasil registrando deflação no mês quando olhamos para o IPCA.

Os fundos **Multimercado** trazem maior diversificação de estratégias. Além disso, os gestores dessa classe conseguem aproveitar oportunidades em prazos mais curtos, enquanto o investidor teria mais dificuldade, e maiores custos, para movimentar seu portfólio. Importante ter um mix de estratégias nessa classe através dos fundos Macro, Long & Short e Quantitativos.

Na **Renda Fixa Internacional** continuamos priorizando os ativos de High Yield nos Estados Unidos, que vão nos ajudar a capturar a recuperação daquela economia.

Continuamos com 18% da carteira em **Renda Variável**: 10% em **Brasil** e 8% em **Internacional**, sendo que 4%, metade da exposição internacional, está em fundos também expostos à variação do câmbio.

Para os clientes que estão começando agora, ou abaixo do percentual alvo ajustado, nossa recomendação é implementar novas posições ao longo de 3 a 5 meses.



Investidor Agressivo: como investir no cenário atual?

Para o perfil agressivo mantivemos a alocação por classes, interrompendo momentaneamente o movimento de aumento de risco iniciado no final de março.

Continuamos assim com uma carteira que tem uma exposição relevante a ativos globais, tanto em renda fixa quanto em renda variável. No Brasil nossos ativos de risco favoritos continuam sendo a renda fixa inflação, em especial os ativos de crédito, e a renda variável.

Sugestão de carteira

Em torno de um 7,5% da carteira está atrelado às **taxas de juros de um dia**, sendo que 5% com possibilidade de resgate rápido, necessária para atender as necessidades de liquidez do próprio investidor e também nos possibilitando alterações rápidas na alocação. No restante buscamos maior rentabilidade através de papéis bancários e corporativos, isentos ou não.

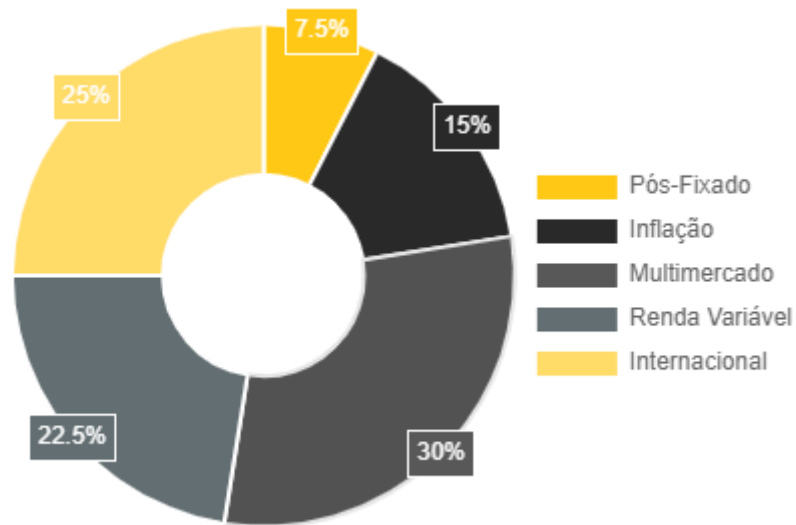
Utilizamos a parcela de **Inflação** para contratar ganhos acima do IPCA por prazos mais longos. Seguimos concentrados em créditos isentos de prazo de cerca de 5 anos em detrimento de fundos expostos à papéis do Tesouro Nacional, dado os altos prêmios nos créditos emitidos por grandes empresas. A queda das taxas de juros e dos prêmios de crédito trouxeram retornos muito positivos quando observamos os ativos marcados a mercado, mesmo com o Brasil registrando deflação no mês quando olhamos para o IPCA.

Os fundos **Multimercado** trazem maior diversificação de estratégias. Além disso, os gestores dessa classe conseguem aproveitar oportunidades em prazos mais curtos, enquanto o investidor teria mais dificuldade, e maiores custos, para movimentar seu portfólio. Importante ter um mix de estratégias nessa classe através dos fundos Macro, Long & Short e Quantitativos.

Na **Renda Fixa Internacional** continuamos priorizando os ativos de High Yield nos Estados Unidos, que vão nos ajudar a capturar a recuperação daquela economia.

Continuamos com 34,5% da carteira em **Renda Variável**, sendo 22,5% em **Brasil** e 12% em **Internacional**, dos quais 8% estão em fundos também expostos à variação do câmbio.

Para os clientes que estão começando agora, ou abaixo do percentual alvo ajustado, nossa recomendação é implementar novas posições ao longo de 3 a 5 meses.



Fonte: XP Investimentos